

ILUSTRAÇÃO ABSTRATA A PARTIR DAS QUATRO ESTAÇÕES DE VIVALDI: UMA ABORDAGEM DE DAVID KOLB NO PROCESSO DE CRIAÇÃO NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE ARTE

ABSTRACT ILLUSTRATION THROUGH VIVALDI'S FOUR SEASONS: DAVID KOLB'S APPROACH IN THE CREATIVE PROCESS IN ART TEACHING/LEARNING

Camila Dornelas Vaz de Andrade

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Dr. Fabrício Andrade Pereira

Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG)

Resumo: O presente artigo investiga a interação entre estímulos visuais e musicais como ponto de partida para a expressividade dos estudantes. A partir de uma experiência em sala de aula, que consistiu em um exercício de ilustração associado à escuta de *As Quatro Estações* de Vivaldi (1725), busca-se compreender se essa prática pôde influenciar a capacidade de criar imagens autônomas. A proposta metodológica fundamenta-se na teoria da aprendizagem experiencial de Kolb (1984), organizada em quatro etapas cíclicas. Procura-se compreender se a integração de diferentes linguagens artísticas pode estimular modos diversos de expressão (Barbosa, 2012) e se há favorecimento de interpretações subjetivas da música em imagens, aproximando-se de experiências sinestésicas já discutidas por Kandinsky (1977). Nesse contexto, busca-se assimilar se a percepção artística é compreendida como processo ativo de resignificação (Mendes, 2021). Considera-se neste estudo, também, a importância da autonomia no processo educativo, conforme defendido por Freire (2017). A pesquisa ressalta a importância de práticas pedagógicas que promovem a criatividade sensorial no processo de produção visual e evidenciam o potencial de metodologias que integram diferentes linguagens artísticas.

Abstract: This article investigates the interaction between visual and musical stimuli as a starting point for students' expressiveness. Based on a classroom experiment involving an illustration exercise combined with listening to Vivaldi's *The Four Seasons* (1725), seek to search to understand whether this practice influenced the ability to create autonomous images. The methodological proposal is based on Kolb's (1984) theory of experiential learning, organized into four cyclical stages. Seek to understand whether the integration of different artistic languages can stimulate diverse modes of expression (Barbosa, 2012) and whether it favors subjective interpretations of music in images, approaching the synesthetic experiences already discussed by Kandinsky (1977). In this context, seek to understand whether artistic perception is understood as an active process of resignification (Mendes, 2021). This study also considers the importance of autonomy in the educational process, as advocated by Freire (2017). The research highlights the importance of pedagogical practices that promotes sensory creativity in the visual production process and highlights the potential of methodologies that integrate different artistic languages.

Palavras-chave: interdisciplinaridade ; processo criativo; ilustração.

Keywords: interdisciplinarity ; creative process ; illustration.

1. INTRODUÇÃO

1.1 ARTES VISUAIS E MÚSICA: QUESTÕES INICIAIS

A proposta apresentada neste artigo surgiu a partir de uma experiência realizada pela primeira vez em 2023, na Escola Estadual Pandiá Calógeras, em Belo Horizonte e, posteriormente, em 2024, na Escola Municipal Carolina Maria de Jesus. Os planos de ensino de ambas as escolas, alinhados à BNCC¹, tinham como sugestão ampliar o conceito de ritmo nas aulas de música, o que trouxe como inspiração a integrar essa temática ao trabalho de ilustração com os estudantes do 6º ano.

Durante esse período, foi realizado um concerto de música erudita em um teatro, na cidade de Belo Horizonte. Este concerto intitula-se *As Quatro Estações*, do compositor italiano e barroco Antônio Vivaldi. O concerto é formado por quatro partes musicais, onde cada uma delas simboliza uma estação do ano, ou seja: Primavera, Verão, Outono e Inverno. As peças foram compostas em 1723 e publicadas em 1725 dentro da coleção *Il cimento dell'armonia e dell'inventione*. Assisti-las ao vivo fez com que a experiência fosse enriquecedora, no sentido de perceber o quão as partes do concerto são diferentes entre si, especialmente no que diz respeito às dinâmicas, aos andamentos, aos volumes e às sensações causadas nos ouvintes.

Cada uma das composições, as estações (*Primavera, Verão, Outono e Inverno*), possuem dinâmicas, andamentos e volumes diferentes entre si. Com base nessas diferenças, surgiram questionamentos sobre como os estudantes reagiriam ao ilustrar cada uma daquelas partes, apenas sabendo seus títulos inicialmente, sem conhecer os contextos em que foram feitas. Além disso, buscou-se observar se haveria coincidências de sensações expressas visualmente ou diferenças nas formas de expressão nos desenhos em relação às sensações musicais. Outra indagação foi: será que ilustrar uma música sem letras poderia despertar a vontade de explorar formas não figurativas?

¹ Base Nacional Comum Curricular, alinhada à habilidade EF69AR20: Explorar e analisar elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de recursos tecnológicos (games e plataformas digitais), jogos, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musicais.

Assim, este artigo tem por objetivo relatar e refletir sobre uma experiência com viés interdisciplinar entre música e ilustração, desenvolvida com estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental. Busca-se compreender de que modo a escuta musical pode estimular processos criativos visuais e favorecer a autonomia dos educandos. A proposta fundamenta-se na teoria da aprendizagem experiencial de David Kolb (1984) e em princípios de autonomia e diálogo presentes em Paulo Freire (2017). Adota-se o formato de relato de experiência, ao descrever as etapas vivenciadas e analisando os resultados à luz desses referenciais teóricos.

1.2 MÚSICA ERUDITA E DESENHO: EXPERIÊNCIAS COM VIVALDI

A atividade, então, foi realizada em uma aula de uma hora para cada uma das seis turmas de 6º ano, com educandos entre 11 e 12 anos. Consistiu em separar quatro folhas de caderno, quatro lápis de cor e ilustrar as quatro músicas, levando em consideração a sonoridade e as sensações dos estudantes. As músicas escolhidas foram as *Quatro Estações* de Vivaldi, pois os questionamentos sobre a representação imagética das músicas surgiram com a apresentação do concerto.

Após uma breve explicação sobre o que era ritmo², sobre quem foi Antônio Vivaldi e sobre o período do Barroco europeu na Arte ocidental, foi escrito no quadro o nome do primeiro dos quatro concertos (*Primavera*), sem nenhuma indicação sobre o tipo de ilustração a ser feita. Foi explicado, de forma breve que a ilustração era a visão imagética dos estudantes sobre textos, por exemplo. Entretanto, foi dito que a atividade que viria à seguir não seria uma ilustração de livros. O comando era: “Vocês vão ilustrar a música que vou colocar agora. A música se chama Primavera e vocês vão ilustrá-la de acordo com o ritmo, usando um lápis de cor, que não poderá ser repetido quando trocarmos a música.” Após a escuta e registro da música, a sequência de execução e ilustração foi seguida pelo *Verão*, o *Outono* e, por fim, o *Inverno*. Cada música foi

² Na música o ritmo é a organização dos sons e silêncios e o ritmo musical é determinado pela duração das notas musicais e das pausas, que são os intervalos sem som. O ritmo é um arranjo musical e, por meio dele, pode-se distinguir um estilo musical de outro.

reproduzida, através de uma coletânea de vídeos do YouTube³, por cerca de dois minutos e meio, dado o tempo limitado da aula.

A experiência apresentou resultados significativos: mesmo os discentes que não costumavam demonstrar interesse pelas aulas em um contexto geral se envolveram na atividade, e a sala inteira estava focada, com manifestações de interesse e engajamento na proposição. Durante as músicas, risadas com os traços que iam saindo e comentários sobre como era *doido*. As ilustrações produzidas pelos educandos variaram do abstrato ao figurativo, evidenciando a pluralidade de percepções e sensações registradas, o que pôde mostrar como a música, nesse caso, pode influenciar na produção visual.

A ideia deste estudo é investigar se a interação dos estudantes com diferentes estímulos visuais e musicais, através de uma atividade que associou desenho e a escuta de músicas, pode ter influenciado sua capacidade de criar imagens. Imagens estas que não necessariamente traduzem a música de modo literal, mas que trabalharam a autonomia de cada discente na produção de ilustrações. A percepção artística, conforme descrito por Mendes (2021), não é uma simples reprodução do que se vê, mas um processo ativo de ressignificação e interpretação do mundo. Os estudantes, no contexto, foram desafiados a expandir suas visões e dar novas qualidades sensíveis ao que experienciaram, através da música erudita.

O estudo busca observar se essa vivência educativa favoreceu a construção de um modo de pensar a ilustração mais diversificado, ou seja, se, para ilustrar, o repertório não precisa se restringir apenas ao uso de recursos literários. De acordo com Mendes (2021), a percepção artística é um processo ativo de ressignificação: podemos pensar nessa ressignificação em que sentidos como a audição, por exemplo, podem ser explorados para criar ilustrações. Nesse contexto, o estudo busca investigar como o estímulo musical pode gerar sensações que resultem em representações visuais.

³ Primavera: <https://www.youtube.com/watch?v=3LiztfE1X7E>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2025.
Verão: https://www.youtube.com/watch?v=RvDt_KtOzbc. Acessado em: 18 de fevereiro de 2025.
Outono: <https://www.youtube.com/watch?v=UldwCrFDNjU>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2025;
Inverno: <https://www.youtube.com/watch?v=ZPdk5GalDjo>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2025

Além disso, refletir-se-á sobre o papel da ilustração no Ensino de Arte, sobre como o conceito de imagem pode ser ampliado e explora se o ensino de desenho e de técnicas diversificadas, como técnicas de impressão, pode contribuir para o desenvolvimento dos modos de fazer e pensar imagens dos estudantes. Dessa forma, pretende-se fomentar a produção de ilustrações não necessariamente ligadas com a forma figurativa.

Ao longo deste estudo, procurou-se compreender as dificuldades e desafios enfrentados pelos docentes ao propor atividades que não limitem os modos de fazer imagem dos educandos. O objetivo é desenvolver propostas artísticas que incentivem os estudantes a saírem de sua zona de conforto e percebam a Arte como um espaço de desafio e aprendizado. Nesse contexto, Almeida (2022) discute a importância de incentivar os estudantes a saírem de seus limites de repertório habitual na criação e prática artística, o que pode promover um ambiente de experimentação e autonomia.

2. A AUTONOMIA NO PROCESSO CRIATIVO: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR ENTRE DESENHO E MÚSICA

A proposta deste estudo se insere no campo do ensino e da aprendizagem em Arte. Objetiva-se a utilização de estímulos visuais e musicais como possibilidade de desenvolvimento expressivo. Procura-se desenvolver o fomento da prática interdisciplinar. No decorrer das atividades, a fruição de imagens é constantemente proporcionada aos estudantes. Tais referências visuais visam ampliar suas formas de expressão. Esse contato contínuo com diferentes produções artísticas favorece a experiência artística e contribui para que os estudantes se expressem por meio de diferentes modos de fazer arte. Nesse sentido, Barbosa (2012) argumenta que o desenvolvimento da percepção visual dos estudantes impacta diretamente suas formas de expressão.

Nesse contexto, é importante compreender o que se entende por “expressão” no campo da arte. Para Adorno (2006),

A pura expressão das obras de arte liberta das interferências coisas e também do chamado material natural; converge com a natureza, da mesma maneira que, nas mais autênticas criações de Anton Webern, o som puro, a que se reduzem em virtude da sensibilidade subjetiva, se transforma em

tom natural; no de uma natureza eloquente, é certo, linguagem sua, e não em cópia de um elemento desta (Adorno, 2006, p. 95).

Essa concepção propõe uma reflexão sobre a manifestação própria da obra, construída a partir das tensões entre forma, sensibilidade e material, aproximando-se da natureza dos sons. Nesse sentido, quando os estudantes ilustram a música, vão além de simplesmente expressar sentimentos: podem produzir sentidos visuais que emergem do diálogo entre o som e suas percepções estéticas.

Nesse contexto, a ilustração se apresenta como um processo de criação autônoma que pode diversificar e potencializar experiências artísticas no contexto educacional. Entre os artistas que fazem uma relação direta entre música e imagem temos Kandinsky (1866-1944), por exemplo, que percebia a música como uma expressão universal, que podia também manifestar emoções ao pintar quadros com formas abstratas. Kandinsky(1977), afirma que

Um pintor, que não encontra satisfação na mera representação, por mais artística que seja, em seu desejo de expressar sua vida interior, não pode deixar de invejar a facilidade com que a música, a arte mais imaterial da atualidade, atinge esse fim. Ele naturalmente busca aplicar os métodos da música à sua própria arte (Kandinsky, 1977, p. 16).

A visão sinestésica de Kandinsky conecta som, cor e pintura de forma abstrata. Essa relação sugere que a ilustração pode transcender a simples representação visual e figurativa da música, tornando-se uma proposição capaz de despertar sensações e interpretações individuais. Ao estimular uma resposta emocional e expressiva dos educandos, a ilustração pode incentivar a autonomia de quem ilustra. Isso pode avivar uma resposta emocional, expressiva e autônoma dos estudantes.

Além da interdisciplinaridade, a ideia de *autonomia* também é importante para as investigações realizadas neste estudo. A autonomia, no contexto escolar, está relacionada à capacidade do educando de expressar ideias e abstrações de maneira mais independente. Freire (2017) afirma que a autonomia é a condição de possibilidade de uma pedagogia que não se limita a impor saberes, mas que se faz como diálogo, como troca entre educador e educando, que valoriza o conhecimento prévio dos discentes e promove uma aprendizagem significativa e crítica.

A proposta de ilustrar músicas instrumentais, como *As Quatro Estações* de Vivaldi, direciona a possibilidade de possíveis interpretações diversificadas. A ausência de uma letra orientando a compreensão pode fazer com que cada educando perceba a melodia de acordo com sua bagagem pessoal. Além disso, a discussão sobre a experiência de realizar desenhos possibilita a troca de vivências entre os colegas, enriquecendo a atividade por meio de diferentes perspectivas.

Este estudo procura investigar a autonomia e a prática artística a partir de uma experiência realizada em sala de aula. Para a execução da proposta, adotei a Metodologia Ativa, com base na aprendizagem experiencial de David Kolb (1984). Dessa forma, as etapas do estudo foram estruturadas de acordo com os princípios dessa abordagem.

3. METODOLOGIA ATIVA DE DAVID KOLB: FASES DA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

A proposta deste estudo fundamenta-se na Metodologia Ativa e baseia-se na teoria da aprendizagem experiencial de David Kolb. Kolb (1984) entende que o aprendizado é um processo cíclico, ou seja, cada etapa de aprendizagem é analisada e integrada ao conhecimento existente, o que pode gerar novas práticas e entendimentos acerca de determinado conceito.

Outras turmas tiveram, além destas quatro músicas, *O Trenzinho Caipira*, de Heitor Villa-Lobos⁴, o que permitiu explorar contrastes entre repertórios europeus e brasileiros, ainda que de forma pouco abrangente. Essa ampliação conduziu a uma reflexão docente sobre a importância de incluir compositores da música erudita nacional, de modo a valorizar a produção brasileira no ensino de Arte. A escolha de Villa-Lobos, nesse sentido, buscou representar também um gesto pedagógico voltado à escuta e à criação a partir de referências culturais próprias do contexto dos estudantes.

Além dessas obras, o repertório da proposta foi ampliado com composições brasileiras de caráter erudito e popular, como *Dança Brasileira*, de Camargo

⁴ Trenzinho caipira: <https://youtu.be/RMgwceKuhC4> . Acessado em: 07 de outubro de 2025

Guarnieri⁵; Batuque, da Série Brasileira, de Alberto Nepomuceno⁶; e Aquarela do Brasil, de Ary Barroso⁷. Essas peças, ao lado das músicas europeias, possibilitaram contrastes de ritmo, timbre e estrutura, o que favoreceu o reconhecimento da diversidade estética e cultural da música nacional. Cada obra foi escutada individualmente, e os estudantes foram convidados a elaborar uma ilustração para cada uma delas durante a execução das músicas, assim como foi sugerido na proposição inicial com *As Quatro Estações*, de Vivaldi. Ainda que o projeto tenha se expandido para abranger diferentes repertórios, o presente artigo concentra sua análise na experiência inicial com *As Quatro Estações*, por ter sido a primeira experimentação realizada e aquela que forneceu as bases conceituais e metodológicas para as propostas subsequentes.

A teoria da aprendizagem experiencial de David Kolb (1984) propõe que o aprendizado ocorre por meio de um ciclo contínuo de quatro estágios: primeiro, a *experiência concreta*, onde o educando vivencia uma nova situação; em seguida, a *observação reflexiva*, que envolve refletir sobre a experiência e considerar diferentes perspectivas; depois, a *conceituação abstrata*, em que o estudante formula teorias ou conceitos para compreender melhor o ocorrido; e, por fim, a *experimentação ativa*, na qual o estudante tem a oportunidade de colocar a experiência pela qual vivenciou em novas situações. Para ele, a aprendizagem não se limita à assimilação passiva de informações: a aprendizagem é um processo dinâmico, que acontece quando os indivíduos entram em contato com experiências que possam ser significativas.

A primeira etapa é denominada experiência concreta. Consiste em sugerir uma atividade prática para que aquele que a vivencia possa fazer isso de forma ativa. Na experiência da atividade proposta, que consistiu em desenhar as quatro partes das *Quatro Estações* de Vivaldi, essa etapa manifestou-se devido ao fato de que os estudantes escutaram e ilustraram as músicas que representaram as diferentes estações do ano. Além desse fator, os discentes passaram por essa

⁵ Dança Brasileira: https://youtu.be/1Rq-AegoAEs?si=sX5c_xX012XJqp4Z. Acessado em: 07 de outubro de 2025

⁶ Batuque: <https://youtu.be/WbMFtmdjPZk?si=l4FLuxpLGK9lu-uG>. Acessado em: 07 de outubro de 2025

⁷ Aquarela do Brasil: <https://youtu.be/cRzPz5QgFnc?si=jDp5RxEQ-hvUDujt>. Acessado em: 07 de outubro de 2025

experiência com materiais corriqueiros de seu dia a dia: caderno e lápis de cor. Os estudantes puderam associar percepções sonoras e gráficas simultaneamente.

A segunda etapa é a observação reflexiva, que se trata da reflexão sobre a experiência: percepções e descrição de sensações, por exemplo. Essa etapa pôde ser identificada durante a experiência. Durante a atividade, surgiram comentários dos estudantes, como por exemplo: “é mais rápida, tenho que desenhar mais forte” ou “não tenho mais onde desenhar”.

Após o final da música Inverno, perguntas foram feitas aos educandos, para que houvesse essa troca de percepções que tiveram durante a ilustração das músicas: “Qual música foi mais suave?”. As respostas em sua grande maioria eram “Primavera!”. Outra pergunta feita foi a seguinte: “Vocês variaram a força do lápis sobre o papel?” e as respostas eram variadas como: “quando a música ficava rápida eu desenhava com mais força” ou “no inverno minha mão até doeu de tanto desenhar. Até rasguei a folha”.

A terceira etapa é a conceitualização abstrata: após agirem (ao realizarem as ilustrações) e refletirem sobre a experiência, os discentes puderam entender melhor o que é ritmo. Puderam também aguçar sua percepção para outras formas de ilustração das quais eles já tinham tido contato.

A quarta e última etapa consiste na experimentação ativa, que é desses conceitos em novas experiências. Essa vivência dos estudantes despertou maior interesse em saber qual foi a inspiração do músico Vivaldi para compor *As Quatro Estações*.

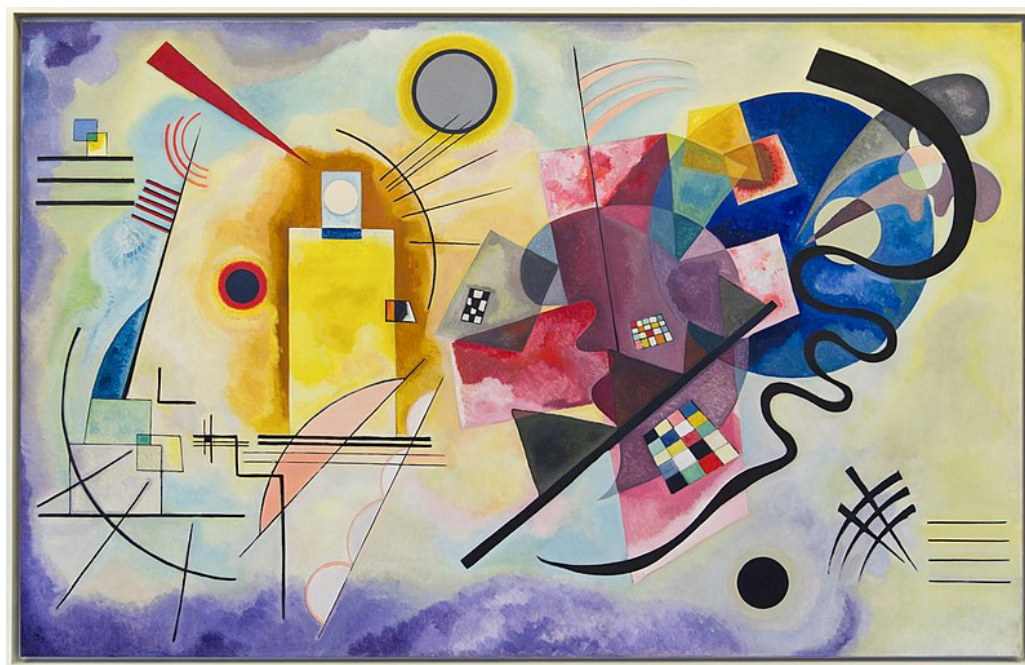
Foi passado um vídeo onde um teórico explicou um pouco mais sobre as inspirações de Vivaldi para as composições das quatro estações⁸. Os educandos tiveram, portanto, a oportunidade de associarem sons à ideias, e compararem com as percepções que tiveram antes de assistir a este vídeo.

Posteriormente à essa contextualização, o artista Kandinsky foi apresentado aos estudantes, como referência visual de um artista que promovia experiências que

⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=zJvhMqRU1SI>. Acessado em: 18 de fevereiro de 2025

associavam música e pintura. Algumas de suas pinturas foram mostradas, por meio de projeção no quadro de sala de aula:

Figura 1 – Amarelo, Vermelho, Azul (1925), Wassily Kandinsky.



Fonte: Wikipédia. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Amarelo-Vermelho-Azul#/media/Ficheiro:Kandinsky_-_Jaune_Rouge_Bleu.jpg. Acesso em: 15 set. 2025

Houve também a realização de outra atividade de ritmo e música, ao propor a ilustração do *Quarteto de Cordas nº 2, Op. 10* por meio de formas geométricas e linhas, baseado em uma das músicas ouvidas por Kandinsky.

Ao utilizar a aprendizagem experiencial de Kolb (1984) e com base na pesquisa, foi possível pensar que houve uma abertura de possibilidades para vivências em arte, baseadas em experiências fruidoras. Essas experiências podem contribuir para a reflexão e desenvolvimento criativo dos estudantes. A associação com viés interdisciplinar entre desenho e música proporcionou outras atividades e

experiências posteriores com maior repertório de ideias e possibilidades. Os educandos puderam entender o ritmo de forma prática, com uma vivência musical e visual, além de terem a chance de ampliar suas visões e ideias acerca da ilustração e suas possibilidades.

Ao refletir sobre a experiência, surgem questionamentos sobre os efeitos formativos da proposta. Teriam os estudantes alcançado uma autonomia criativa efetiva ou apenas uma adesão entusiasmada à atividade? Em que medida a vivência artística possibilitou que a expressão se configurasse como exteriorização espontânea? Tais indagações provocam reflexões, o que fazem com que esse estudo entre como campo de investigação docente. O exercício de observar, registrar e interpretar essas respostas visuais e verbais dos alunos faz parte do próprio ciclo da aprendizagem experiencial, pois permite compreender como o fazer artístico pode revelar modos singulares de pensar e se expressar artisticamente.

Sob essa perspectiva, a experiência se orienta pela possibilidade de o estudante experimentar a arte como expressão, como forma de revelar sensibilidades e percepções que não se traduzem em palavras ou conceitos. Em sintonia com Adorno (2006), entende-se que a expressão artística advém do resultado de uma relação entre sujeito, matéria e mundo. A ilustração, nesse contexto, surge como campo de descobertas em que os alunos aprendem a perceber o som, o gesto e a cor como forças expressivas, e não como signos fixos.

Essa concepção aproxima-se também da proposta de Freire (2017), que reconhece o ato criador como um exercício de liberdade. Quando o estudante expressa graficamente o que pensa e/ou sente ao ouvir uma música, não necessariamente busca traduzir o som em imagem, mas dar forma ao modo como o percebe. Trata-se de uma escuta ativa e inventiva, em que o professor atua como mediador das condições de expressão ao invés de um transmissor de modelos visuais. Desse modo, a prática proposta ultrapassa a ideia de correspondência entre som e imagem e se afirma como espaço de experiência estética — onde expressar é construir presença sensível no mundo, e não representar algo já dado.

4. REFLEXÕES DOS RESULTADOS E FUTURAS PROPOSIÇÕES

A atividade proposta revelou resultados significativos em termos de comprometimento e autonomia dos estudantes. Observa-se que a combinação da escuta musical com a produção de ilustrações proporcionou uma experiência sensorial importante, onde os discentes demonstraram alta concentração e envolvimento, incluindo aqueles que normalmente não se envolviam nas demais atividades de arte e de outras matérias escolares.

A reflexão dessa experiência revela também tensões próprias do fazer artístico em contexto escolar. Embora a proposta tenha favorecido a autonomia e o engajamento, não se pode afirmar que os estudantes tenham alcançado plena independência criativa, já que as diretrizes partiram de decisões da discente. Essa constatação remete à concepção freireana de autonomia como processo e não como ponto de chegada, como explica Freire (2017), o que indica que a liberdade criadora ainda depende de mediações pedagógicas.

Entretanto, não há como afirmar que a maioria dos estudantes conseguiu conceber os conceitos de música de forma consistente, pois eles descreveram em sua maioria as sensações causadas pela música.

As ilustrações produzidas refletiram em diversidade de interpretações, variando do abstrato ao figurativo, o que nos mostra a pluralidade de percepções estimuladas pela música. Essa variação apresenta a relevância do estímulo artístico enquanto de expressão pessoal. Além disso, a escolha de um material simples (lápis de cor e folhas de caderno) demonstrou que, para promover atividades que estimulem sentidos e percepção, pode-se utilizar de recursos mais acessíveis.

A predominância de formas figurativas pode indicar o quanto as referências culturais dos discentes ainda estão associadas à representação literal. Nesse sentido, a ideia de “expressão”, compreendida como linguagem estética e não como mera exteriorização emocional, conforme Adorno (2006), propõe o reconhecimento do valor formativo do processo: expressar, aqui, é construir sentido visual diante da experiência sonora, e não simplesmente projetar emoções pessoais.

As diferentes interpretações revelaram a importância de reconhecer o repertório e as vivências culturais de cada grupo. Tal fenômeno pode ser compreendido através da ideia de Freire (2017), que defende que a cultura do

estudante é o ponto de partida para práticas pedagógicas significativas. Essa perspectiva reforça que a escuta e a ilustração musical se tornam experiências realmente formadoras quando dialogam com o universo simbólico e sensível dos alunos. Para tal, careceu nesse estudo a pesquisa e o uso de música erudita brasileira e/ou latinoamericana nessa experiência por parte da docente, para trazer aos estudantes essa aproximação com a cultura brasileira.

O uso de materiais simplificados é importante, porém, é relevante viabilizar outras atividades com materiais menos convencionais, com o intuito de promover maiores propostas de experiências em sala de aula.

As reações dos estudantes durante a atividade também sugerem que uma música que não tenha nenhuma palavra impõe menos a vontade de figurá-la quando é transposta para o desenho. Mesmo assim, o figurativo foi observado, o que demonstra que há necessidade de promover outros estímulos para que os estudantes pudessem exercitar suas possibilidades criativas.

Não impor padrões para as ilustrações permitiu que os estudantes explorassem suas próprias bagagens visuais e emocionais, o que ampliou a relação entre som, ritmo e expressão visual. No entanto, não é possível afirmar que houve o entendimento destes conceitos, pois os discentes continuavam misturando o que entendiam por ritmo, som e outros conceitos.

Outro ponto relevante foi a capacidade da música de Vivaldi em despertar diferentes percepções nos discentes: como alegria, raiva ou também como o ritmo e a intensidade do som e desenhar de acordo com essas evidências. Essa interação acaba por evidenciar a interdisciplinaridade entre duas artes: visuais e musicais. No entanto, alguns estudantes, ainda que realizassem a proposição, não levaram a experiência com comprometimento, ao falarem “vou só rabiscar aqui”.

Por fim, a proposta revelou-se relevante em mobilizar educandos de diferentes perfis, inclusive aqueles que frequentemente demonstram resistência a atividades escolares. Isso reforça a importância de práticas pedagógicas que valorizem a interação entre diferentes manifestações artísticas, como a música e o desenho, e estimulem a expressão como forma de aprendizagem significativa. Ainda

assim, houve certa resistência advinda de alguns estudantes, que foi contornada com frases como “vamos tentar só dessa vez fazer algo diferente!”.

A experiência realizada com os estudantes abre caminho para novas proposições que ampliam as possibilidades de exploração da ilustração, especialmente no campo abstrato. A interação entre música e arte visual pode ser expandida por meio de atividades que desafiem os estudantes a explorar conceitos mais complexos. Para isso, é aconselhável que haja um trabalho docente que tenha metodologias e/ou abordagens.

Outras práticas artísticas, como a impressão de carimbos, EVAgravura, desenho cego e nanquim raspado, podem ser exploradas em futuras propostas. Essas técnicas ampliam as possibilidades de experimentação e oferecem diferentes estímulos táteis e visuais no processo de criação. Algumas escolas podem não contar com esses recursos, o que requererá do docente adaptações para que estímulos diferentes possam dar continuidade às experiências.

Além disso, a escolha de diferentes compositores e estilos musicais, incluindo a música eletrônica, pode ser um elemento relevante para investigar como variações de ritmo e tom influenciam a produção de imagens, especialmente no campo da abstração. A combinação entre arte visual e musical continua sendo um campo aberto para novas observações.

Houve a intenção de estimular ainda mais a autonomia e a criatividade dos educandos, incentivando-os a explorar a ilustração de forma livre e pessoal. Mais uma vez, entra aqui a importância de que o educador tenha um olhar atento às individualidades e às formas de criação distintas dos discentes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade proposta demonstrou que a integração entre música e arte visual pode ser uma possibilidade para estimular a criação e percepção artística. A prática com viés interdisciplinar dessas duas áreas dentro do ensino de Arte pode promover, além da ampliação da capacidade de expressão dos estudantes, um maior envolvimento nas práticas artísticas realizadas em sala de aula. Ainda assim, em muitos contextos escolares, a abordagem compartimentada das expressões

artísticas se faz presente. Isso pode limitar as experiências sensoriais e reduzir o potencial criativo dos estudantes. Frente a esse desafio, a proposta de utilizar a música como estímulo para a ilustração mostrou-se uma alternativa possível, ainda que não seja possível mensurar em uma primeira experiência o impacto da atividade a longo prazo na questão de criação em sala de aula.

Além disso, os dados observados sugerem que abordagens baseadas na aprendizagem experiencial, como a proposta por David Kolb (1984), podem contribuir para estimular a criatividade, a autonomia e um aprendizado mais significativo, sobretudo por priorizarem a vivência prática. No entanto, não é possível afirmar com certeza que tais efeitos tenham ocorrido de maneira consolidada, já que a análise dos resultados ainda carece de maior aprofundamento e de instrumentos mais sistematizados de verificação. Ainda assim, a acessibilidade dos materiais e o envolvimento dos estudantes durante a realização das atividades apontam indícios positivos, o que justifica a continuidade de propostas semelhantes e o investimento em formas de avaliação mais diversas.

A diversidade nas ilustrações, junto ao nível de concentração observado entre os educandos, indica que propostas como essa podem ser adaptadas para outros contextos escolares e faixas etárias. Contudo, essa hipótese exige cautela, já que os dados não permitem generalizações e ainda faltam critérios mais objetivos para avaliar os efeitos da atividade em diferentes realidades. Mesmo com essas limitações, a experiência levanta questões pertinentes sobre o lugar das artes no currículo e sobre como metodologias abertas podem favorecer outros modos de participação.

Os resultados observados levantam a possibilidade de que atividades semelhantes possam ser aplicadas em outros contextos educacionais, incentivando processos de aprendizagem e criação. No entanto, essa projeção ainda é incerta, pois a atividade ocorreu em um contexto específico, com características que podem não se repetir em outras realidades. Diante disso, mais do que afirmar o impacto da proposta, o que se pode fazer é considerá-la como ponto de partida para explorar outras formas de trabalho com expressão visual, sem deixar de respeitar a diversidade de trajetórias individuais e os limites do ambiente escolar.

Portanto, é possível considerar que práticas pedagógicas baseadas em metodologias ativas e interdisciplinares *podem* contribuir para o desenvolvimento de habilidades como criatividade, reflexão, percepção sensorial e autonomia. Por outro lado, essa possibilidade depende de uma série de fatores, como tempo disponível, formação docente e abertura das instituições para propostas menos convencionais, o que nem sempre está garantido. Ainda assim, experiências como a realizada apontam caminhos para pensar o ensino de Arte de forma mais integrada, mesmo que ainda seja necessário investigar com mais profundidade seus efeitos e limites.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. *Teoria estética*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2006.

ALMEIDA, Mariza de. *As “zonas de conforto” na criação e prática artística*. 2022. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/145313/2/591296.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2025.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 2012. Disponível em: <http://www.anamaebarbosa.com.br/livros>. Acesso em: 19 mar. 2025.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 jan. 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

KANDINSKY, Wassily. *Concerning the Spiritual in Art*. [S.l.]: [s.n.], 1977. Disponível em: <http://www.public-library.uk/ebooks/22/92.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2025.

KOLB, David A. *Experiential learning: experience as the source of learning and development*. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1984.

MENDES, José da Silva. *A percepção artística e sua relação com a construção do conhecimento visual*. Artigos sobre Percepção e Educação Artística, 2021.

Disponível em:

https://anpap.org.br/anais/2017/PDF/PA/26encontro____RAUBER_Rogério__TRAGTENBERG_Lucila.pdf. Acesso em: 14 mar. 2025.

TOSCANO, Frederico. *As Quatro Estações de Vivaldi: a plena harmonia entre música e natureza*. Revista Será?, 12 jan. 2018. Disponível em: <https://revistasera.info/2018/01/as-quatro-estacoes-de-vivaldi-a-plena-harmonia-entre-musica-e-natureza-frederico-toscano/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

WIKIPÉDIA. *Amarelo, Vermelho, Azul*. Wassily Kandinsky, 1925. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Amarelo-Vermelho-Azul#/media/Ficheiro:Kandinsky_-_Jaune_Rouge_Bleu.jpg. Acesso em: 15 set. 2025.